



COLÉGIO DE APLICAÇÃO DOM HÉLDER CÂMARA
AVALIAÇÃO: EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES II

DISCIPLINA: LITERATURA

PROFESSOR(A): _____

ALUNO(A) _____

DATA: ____/____/____



TURMA: _____ M

SÉRIE: 3º ANO

DATA PARA ENTREGA: ____ / ____ / ____

ORIENTAÇÕES IMPORTANTES!

- ⇒ *Leia a atividade avaliativa atentamente.*
- ⇒ *Não pode haver rasura e uso de corretivo.*
- ⇒ *As respostas têm que estar no local próprio e à caneta, para que sejam consideradas.*
- ⇒ *Responda com caneta azul ou preta não deixe nada a lápis.*

1- “Os fatores de conservação transformaram o semi-árido em uma região *aparentemente sem história*, dada a *permanência e imutabilidade* dos problemas. Como se com o decorrer das décadas nada tivesse se alterado e o presente fosse um *eterno passado*. A cada seca, e mesmo no intervalo entre uma e outra, milhares de nordestinos foram abandonando a região. Sem esperança de mudar a história das suas cidades, buscaram em outras paragens a solução para a sobrevivência das suas famílias. Foi nos sertões que *permaneceu inalterado* o poder pessoal dos coronéis, petrificado durante o populismo e pela migração de milhões de nordestinos para o sul”

(VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 252).

Com base no trecho acima, é possível concluir que:

- (A) a grande evasão das populações do Nordeste em direção à região Sudeste resultaram no “boom” da borracha ocorrido na década de 1970;
- (B) as secas nordestinas não podem ser historicamente explicadas, já que decorrem de fenômenos estritamente geográficos;
- (C) a “indústria da seca” no Nordeste beneficiou diretamente as grandes capitais da região, estimulando sua industrialização em inícios do século XX;
- (D) as secas do Nordeste, resultando na multiplicação de fortes correntes migratórias, transformaram o homem nordestino em sinônimo exclusivo de flagelado;
- (E) a grande mobilidade dos nordestinos, mais que uma decorrência das secas, foi fruto de um sistema de dominação baseada na propriedade da terra que marginalizava homens livres e pobres.

Texto II para as questões 2 e 3

O QUE A MUSA ETERNA CANTA

Cesse de uma vez meu vão desejo
de que o poema sirva a todas as fomes.
Um jogador de futebol chegou mesmo a declarar:
“Tenho birra de que me chamem de intelectual,
sou um homem como todos os outros.”
Ah, que sabedoria, como todos os outros,
a quem bastou descobrir:
letras eu quero é pra pedir emprego,
agradecer favores,
escrever meu nome completo.
O mais são as mal-traçadas linhas.
Adélia Prado

2- Em relação à sintaxe do texto, pode-se afirmar que:

- (A) a forma verbal “cesse”, no subjuntivo, indica uma volição expressa pelo eu lírico (verso 1);
- (B) o pronome possessivo “meu” estabelece coesão textual, apontando um referente que o antecede no texto (verso 1);
- (C) o trecho entre aspas é exemplo de discurso indireto-livre (versos 4-5);
- (D) o substantivo “letras” funciona sintaticamente como objeto direto do verbo “descobrir” (verso 7);
- (E) a forma verbal “é” introduz um predicado nominal na construção do período (verso 8).

3- O comentário do eu-lírico, a respeito do discurso do jogador, é uma estratégia textual que exemplifica:

- (A) uma explicação da função do intelectual;
- (B) uma dúvida quanto à opção do interlocutor;
- (C) uma afirmativa categórica sobre a função da leitura;
- (D) uma ênfase na função comunicativa da linguagem;
- (E) uma atitude crítico-irônica sobre a função do poeta.

Texto para a questão 4

A FOLHA

A natureza são duas.
Uma,
tal qual se sabe a si mesma.
Outra, a que vemos. Mas vemos?
Ou é a ilusão das coisas?
Quem sou eu para sentir
o leque de uma palmeira?
Quem sou eu, para ser senhor
de uma fechada sagrada
arca de vidas autônomas?

A pretensão de ser homem
e não coisa ou caracol
esfacela-me em frente à folha
que cai, depois de viver
intensa, caladamente,
e por ordem do Prefeito
vai sumir na varredura
mas continua em outra folha
alheia a meu privilégio
de ser mais forte que as folhas.

Carlos Drummond de Andrade

4- Pode-se afirmar que no texto “A Folha”:

- (A) a pretensão de ser homem e não coisa ou caracol tem como efeito a filiação dessa temática ao Barroco;
- (B) a referência explícita à natureza e ao eu lírico iludido comprovam a sua filiação ao Romantismo;
- (C) a incapacidade de definir objetivamente as coisas e a pretensão de ser homem e não coisa implicam a sua filiação ao Naturalismo;
- (D) a ilusão das coisas que não sabem de si mesmas tem como consequência a sua filiação ao Simbolismo;
- (E) o emprego de algumas expressões de uso cotidiano e a forma em versos livres indicam a possibilidade de sua filiação ao Modernismo.

Texto para as questões 5 e 6

Brasil

*O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
– Sois cristão?
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
– Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval*

(Oswald de Andrade)

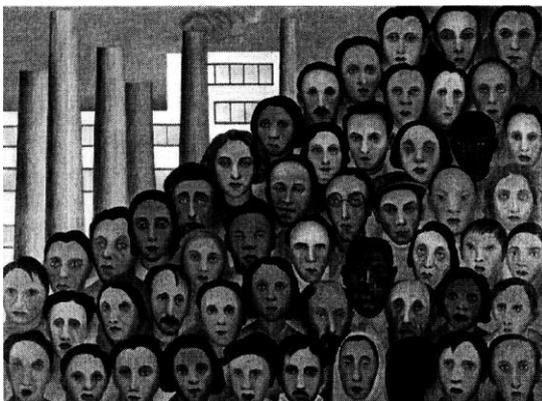
5- Este texto apresenta uma versão humorística da formação do Brasil, mostrando-a como uma junção de elementos diferentes. Considerando-se esse aspecto, é correto afirmar que a visão apresentada pelo texto é:

- (a) ambígua, pois tanto aponta o caráter desconjuntado da formação nacional, quanto parece sugerir que esse processo, apesar de tudo, acaba bem.
- (b) inovadora, pois mostra que as três raças formadoras – portugueses, negros e índios – pouco contribuíram para a formação da identidade brasileira.
- (c) moralizante, na medida em que aponta a precariedade da formação cristã do Brasil como causa da predominância de elementos primitivos e pagãos.
- (d) preconceituosa, pois critica tanto índios quanto negros, representando de modo positivo apenas o elemento europeu, vindo com as caravelas.
- (e) negativa, pois retrata a formação do Brasil como incoerente e defeituosa, resultando em anarquia e falta de seriedade.

6- A polifonia, variedade de vozes, presente no poema resulta da manifestação do

- (a) poeta e do colonizador apenas.
- (b) colonizador e do negro apenas.
- (c) negro e do índio apenas.
- (d) colonizador, do poeta e do negro apenas.
- (e) poeta, do colonizador, do índio e do negro.

Textos para a questão 7



Desiguais na fisionomia, na cor e na raça, o que lhes assegura identidade peculiar, são iguais enquanto frente de trabalho. Num dos cantos, as chaminés das indústrias se alçam verticalmente. No mais, em todo o quadro, rostos colados, um ao lado do outro, em pirâmide que tende a se prolongar infinitamente, como mercadoria que se acumula, pelo quadro afora.

(Tarsila do Amaral, *Operários*.)

(Nádia Gotlib. *Tarsila do Amaral, a modernista*.)

7- O texto aponta no quadro de Tarsila do Amaral um tema que também se encontra nos versos transcritos em:

(A) “Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas.”

(Vinicius de Moraes)

(B) “Somos muitos severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima.”

(João Cabral de Melo Neto)

(C) “O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada em arquivos.”

(Ferreira Gullar)

(D) “Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os
sonhos do mundo.”

(Fernando Pessoa)

(E) “Os inocentes do Leblon
Não viram o navio entrar (...)
Os inocentes, definitivamente inocentes tudo ignoravam,
mas a areia é quente, e há um óleo suave que eles passam
pelas costas, e aquecem.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Texto para a questão 8

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

— Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele

descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinha Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis. E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

(RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 99. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 9-11).

8- Considerando-se o contexto da obra, pode-se afirmar que o fragmento destacado evidencia:

- (a) a diferença entre dois personagens aparentemente semelhantes — Fabiano e sinhá Vitória; aquele, desprovido de sentimentos humanos; esta, racional e sonhadora.
- (b) o estado emocional do personagem Fabiano, como reflexo da ação do espaço geográfico inóspito atravessado por ele e sua família.
- (c) a comunicação gestual entre Fabiano e sinhá Vitória, num clima de tensão, revelando o desnível social e cultural entre eles, reflexo de suas origens.
- (d) a alteração do estado psicológico de Fabiano em relação ao filho, fato indicado pelas ações verbais.
- (e) a obstinação de Fabiano para atingir o seu objetivo na viagem, apesar do obstáculo imprevisível e intransponível representado por sua família.